

Apropriação da informação, empoderamento e protagonismo social: análise da obra *Quarto de Despejo*

Daysene de Araujo Costa

Universidade Federal do Ceará, Curso de Biblioteconomia, Fortaleza, CE, Brasil
dayse.araujo2015@hotmail.com

Maria Giovanna Guedes Farias

Universidade Federal do Ceará, Curso de Biblioteconomia, Fortaleza, CE, Brasil
mgiovannaguedes@gmail.com

DOI: <https://doi.org/10.26512/rici.v14.n1.2021.29288>

Recebido/Recibido/Received: 2020-01-22

Aceitado/Aceptado/Accepted: 2020-11-05

Resumo: Apresenta resultados de pesquisa que tem como objetivo analisar a obra *Quarto de Despejo: diário de uma favelada* da escritora Carolina Maria de Jesus, a fim de identificar indícios de apropriação da informação, empoderamento e protagonismo social. Utiliza-se na metodologia a abordagem qualitativa e o método de pesquisa do tipo exploratório. Para coletar os dados optou-se pela técnica pesquisa documental. Visando avaliar fragmentos do diário de Carolina recorreu-se a análise de conteúdo da Bardin com o estabelecimento de categorias. A partir dos dados analisados, verificou-se que o empoderamento individual de Carolina pode ser encontrado em diversas passagens do diário, as quais levam à reflexão de que o exemplo da escritora contribui para aprendizagem daqueles que buscam se espelhar em histórias que retratam a realidade social, e com elas podem obter ajuda na busca de soluções para o dia a dia. Neste caso, a escritora tinha habilidades informacionais que a levaram a se apropriar e se empoderar na busca pelo protagonismo social. Conclui-se que a apropriação da informação possibilita compreender que o sujeito não precisa ser escolarizado para se empoderar das informações, que o levem a atingir o protagonismo social na comunidade ou em um ambiente escolar, pois ele pode desenvolver novas formas de dialogar com as demandas que surgem na sociedade.

Palavras-chave: Apropriação da informação. Empoderamento. Protagonismo social. Carolina Maria de Jesus. Quarto de Despejo.

Information appropriation, empowerment and social protagonism: analysis of the work *Quarto de Despejo*

Abstract: Presents research results that aims to analyze the work *Quarto de Despejo: Diário de uma favelada* by writer Carolina Maria de Jesus, in order to identify evidence of appropriation of information, empowerment and social protagonism. The methodology uses the qualitative approach and the exploratory research method. To collect the data, we opted for the documentary research technique. In order to evaluate fragments of Carolina's diary, Bardin's content analysis was used with the establishment of categories. From the data analyzed, it was found that Carolina's individual empowerment can be found in several passages of the diary, which lead to the reflection that the writer's example contributes to the learning of those who seek to mirror stories that portray reality and with them they can get help in finding solutions for everyday life. In this case, the writer had informational skills that led her to appropriate and empower herself in the pursuit of social protagonism. It is concluded that the appropriation of information shows that the subject does not need to be educated to be empowered with the information that will

lead him/her to reach social protagonism in the community or in a school environment, as he/she can develop new ways to dialogue with the demands that arise in society.

Keywords: Appropriation of information. Empowerment. Social protagonism. Carolina Maria de Jesus. Quarto de Despejo.

Apropiação de la información, empoderamiento y protagonismo social: análisis del trabajo *Quarto de Despejo*

Resumen: Presenta resultados de investigación que tienen como objetivo analizar el trabajo *Quarto de Despejo: diário de uma favelada* de la escritora Carolina Maria de Jesus, con el fin de identificar evidencia de apropiación de información, empoderamiento y protagonismo social. La metodología utiliza el enfoque cualitativo y el método de investigación exploratoria. Para recopilar los datos, optamos por la técnica de investigación documental. Para evaluar fragmentos del diario de Carolina, se utilizó la análisis de contenido de Bardin con el establecimiento de categorías. A partir de los datos analizados, se encontró que el empoderamiento individual de Carolina se puede encontrar en varios pasajes del diario, lo que lleva a la reflexión de que el ejemplo del escritor contribuye al aprendizaje de aquellos que buscan reflejar historias que retratan la realidad y con ellos pueden obtener ayuda para encontrar soluciones para la vida cotidiana. En este caso, la escritora tenía habilidades informativas que la llevaron a apropiarse de la información y empoderarse en la búsqueda del protagonismo social. Se concluye que la apropiación de la información muestra que el sujeto no necesita ser educado para recibir la información que lo llevará a alcanzar el protagonismo social en la comunidad o en el entorno escolar, ya que puede desarrollar nuevas formas de diálogo con las demandas que surjan en la sociedad.

Palabras clave: Apropiación de información. Empoderamiento. Protagonismo social. Carolina Maria de Jesus. Quarto de Despejo.

1 Introdução

Compreendemos que a apropriação da informação consiste na relação do homem com o mundo e na forma de interpretá-lo, levando em consideração as experiências individuais de cada sujeito, bem como a maneira como ele se empodera de informações que podem ser úteis para sua sobrevivência e atuação na sociedade. No empoderamento, o sujeito possui a autonomia para decidir, dando sentido a todas as suas escolhas, questionando seu papel na sociedade e podendo influenciar a tomada de decisões pelo coletivo, o que pode levar ao protagonismo social, pois ele ganha poder de decisão sobre as situações que exigem um posicionamento, passando a influenciar no meio em que vive de forma útil e positiva.

Um exemplo concreto de transformação de realidades é o da escritora Carolina de Jesus, autora da obra *Quarto de despejo: diário de uma favelada*, publicada em 1960. Mesmo morando em uma favela na cidade de São Paulo e estudando até o segundo ano do primário, começou a escrever o relato sobre sua vida em forma de diário, denunciando as mazelas que assolavam o local em que vivia e as dificuldades enfrentadas por ela no dia a dia. Este livro produzido em forma de diário é um documento, sobre o qual, a autora narra sua história de vida, sendo, portanto, uma obra que segue fielmente a escrita de Carolina. O diário se inicia na data de 15 de julho de 1955 e é finalizado no dia 1 de janeiro de 1960. A obra original foi editada pela Livraria Francisco Alves e publicada no ano de 1960, é considerada rara na versão impressa. Por

se tratar de uma obra de difícil acesso, foi utilizada nesta pesquisa uma edição impressa de 1995, da editora Ática, a qual optou também por respeitar a linguagem da autora.

Faz-se necessário clarificar, que nesta pesquisa optamos pela utilização do termo favela¹, ao invés do termo “comunidade”, visto que a história da autora se passa no contexto social das décadas de 1950 e 1960, na cidade de São Paulo, cujo início das favelas se deu na década de 1940. Já o termo comunidade se refere mais ao contexto atual das moradias de periferias no Brasil, o que representa para alguns autores uma forma de amenizar o estigma social que o termo favela gerou na sociedade, pois estaria mais associado à violência e a falta de saúde, educação, saneamento básico e planejamento urbano.

Desta forma, esta pesquisa objetivou analisar a obra Quarto de Despejo, a fim de detectar indícios de apropriação da informação, empoderamento e protagonismo social da autora Carolina Maria de Jesus, ou seja, busca retratar o universo da vida de Carolina, que ao se apropriar da informação, soube como dar voz aos excluídos da sociedade, levando em consideração também o preconceito social e racial da sociedade brasileira nas décadas de 1950 e 1960, por meio da escrita de seu diário. Ressaltamos que para o recorte desta comunicação, optamos por focar na análise da categoria apropriação da informação pelo limite de páginas que se estabelece para um artigo.

Justificamos a relevância desta temática para a área da Biblioteconomia, por considerarmos a apropriação da informação como elemento fundamental para a formação intelectual e social do indivíduo. É por meio desta apropriação que pode ocorrer o empoderamento, exercendo nos sujeitos a autonomia para resolver questões que envolvem sua participação na sociedade, podendo também atingir o protagonismo social em alguns estágios/áreas da vida.

2 Apropriação da informação

A informação, quando percebida pelo sujeito, causando nele interesse, pode proporcionar o desenvolvimento de conhecimentos para lidar com as mais diversas questões pessoais e sociais. Para tal, é essencial que a informação chegue até o indivíduo de modo que possa fazer, com que seus sentidos sejam modificados/alterados, o que poderá suscitar inquietações e uma possível solução para suas dúvidas, sejam elas de natureza política, social

¹ No censo de 2010, o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) classificou a favela no conceito de aglomerado subnormal, como sendo um conjunto de 51 unidades habitacionais, incluindo barracos ou casas que carecem de serviços públicos essenciais, cuja ocupação é feita em terreno de propriedade pública ou particular, sendo dispostas em geral de forma desordenada e densa. Disponível em: <https://ww2.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/imprensa/ppts/0000006923512112011355415675088.pdf> Acesso em: 10 maio 2019.

ou educacional, por isso há uma necessidade de que a informação possa ser mais do que uma simples reprodução do cotidiano, já que ela pode gerar o conhecimento dependendo da forma que o indivíduo a utiliza.

A linguagem também é um fator importante para a apropriação da informação, pois por meio dela, o indivíduo pode se comunicar de tal forma que outros indivíduos possam captar seu jeito de pensar e de atribuir significados por meio das palavras. Assim, a linguagem e as palavras exercem um poder de influência sobre as informações, que são apropriadas pelo sujeito. Schopenhauer (2005, p. 145) reflete sobre relevância da linguagem e das palavras, ao ressaltar que “[...] A palavra dos homens é o material mais duradouro. Se um poeta deu corpo à sua sensação passageira com as palavras apropriadas, aquela sensação vive através de séculos nessas palavras e é despertada novamente em cada leitor receptivo”.

De fato, o filósofo consegue de certa forma, atribuir a importância das palavras a cada pessoa, que constrói significados conforme suas experiências e sua capacidade de ler o mundo, interpretando e se apropriando de novas informações. Neste sentido, ao se apropriar da informação há uma conexão do sujeito com a cognição, o que permite que ele estabeleça quais necessidades informacionais são relevantes para sua formação intelectual e como elas poderão ser utilizadas dentro do contexto em que está inserido. Para Almeida Júnior (2017, não paginado) “A apropriação da informação, que fique claro, pressupõe uma alteração, uma transformação, uma modificação do conhecimento, sendo assim uma ação de produção e não meramente de consumo”. Destarte, o indivíduo adquire uma forma de pensar mais reflexiva, pautada na percepção de que sua realidade pode ser transformada, com a mudança de pensamento que ele adquire ao ter ideias, que possam construir um conhecimento novo. Esta transformação que ocorre com o indivíduo pode ser de dentro para fora, pois ao se apropriar das informações necessárias para o seu aprendizado, sua forma de agir e pensar passa a ser mais ponderada e ao mesmo tempo guiada pela nova aprendizagem.

Assim, deve-se levar em consideração que o indivíduo precisa ter sua vida modificada por estímulos, neste caso a informação pode ser apropriada a partir de, por exemplo, a leitura de um livro, o qual se constituiria como um canal que poderá suprir a necessidade informacional de quem leu. Borges (2016, p. 15) considera que “A apropriação da informação é um processo de interação entre texto e leitor, dentro de uma sociedade. Porém, o significado das palavras não é fixo, ele é negociado na interação. O leitor tem um papel ativo no processo de construção dos significados durante o ato da leitura”. A existência da relação entre o texto e leitor pode ser compreendida como sendo a relação entre o sujeito e a informação, porém, para que este

processo seja efetivado na apropriação da informação, é necessário que o indivíduo saia da zona de conforto e reveja sua maneira de enxergar e de se relacionar com a sociedade.

É na apropriação da informação que se tende a mostrar possibilidades de alcançar outros olhares, diante das ideias que são fomentadas pela vivência de uma determinada experiência, se constituindo em um processo constante de desconstrução e reconstrução da informação, o que acontece no discurso interior, e sua materialização pode ser exteriorizada ou não de modo consciente ou inconsciente. Dessa forma, a apropriação da informação é efetuada a partir do momento em que o indivíduo toma para si o conhecimento produzido e modifica as estruturas de seu pensamento, que podem produzir e ampliar novos significados. (GOMES; RIBEIRO; REZENDE, 2017). Com isso, o indivíduo passa a compreender que a possibilidade de se apropriar da informação intelectual e social, pode lhe garantir acesso à transformação interna, pois, em virtude da realidade em que ele se insere, a apropriação se faz essencial para que haja um maior alcance nas decisões que envolvem sua participação na comunidade, podendo resultar em seu empoderamento e dos indivíduos que fazem parte do seu círculo social.

3 Empoderamento e protagonismo social

O homem atua na sociedade buscando ocupar espaços em seu cotidiano que possam dar significados as suas principais necessidades, dentre elas, a educação, o trabalho e a participação em sua comunidade. Essas necessidades se traduzem pelo fato de que sempre haverá situações, em que o sujeito precisará tomar decisões para estabelecer um bem comum, e, por isso, as soluções propostas podem ocasionar mudanças na forma de pensar ou agir.

No entanto, essas mudanças só ocorrem quando o sujeito busca refletir sobre o seu papel nos fatos ocorridos, contribuindo para que haja autonomia de seus atos e de sua forma de pensar. O que acaba sendo visto como uma forma dele se apropriar das decisões que são tomadas em sua vida. Quando o indivíduo passa a reconhecer, que ele pode transformar sua realidade, ao se apropriar das informações necessárias para o crescimento intelectual, psicológico ou social, entende-se que ele está em processo de empoderamento, um termo que vem do termo inglês *empowerment*, cujo significado está associado a “dar poder”, sendo frequentemente citado pelos movimentos sociais, que buscam a participação na sociedade por meio de suas reivindicações. Dentre estes movimentos estão: negros pela igualdade racial e das mulheres pela igualdade de gênero.

[...] contemporaneamente, se expressa nas lutas pelos direitos civis, no movimento feminista e na ideologia da "ação social", presentes nas sociedades dos países desenvolvidos, na segunda metade do século XX. Nos anos 70, esse conceito é influenciado pelos movimentos de autoajuda, e, nos 80, pela psicologia comunitária. Na década de 1990, recebe o influxo de

movimentos que buscam afirmar o direito da cidadania sobre distintas esferas da vida social, entre as quais a prática médica, a educação em saúde, a política, a justiça, a ação comunitária. (BAQUERO, 2012, p. 175).

Portanto, a luta por uma melhoria nas condições em que o sujeito se encontra, fortalece sua participação na sociedade como um todo, seja ela de forma individual ou coletiva. O empoderamento também surge como um fator de liberdade para o indivíduo que se mantém preso ao pensamento, de que ele não é capaz de lutar pela melhoria da sua realidade.

O conceito de empoderamento em língua portuguesa ganhou um significado mais amplo também por meio do autor Paulo Freire, pois “[...] Para o educador, a pessoa, grupo, ou instituição empoderada é aquela que realiza, por si mesma, as mudanças e ações que levam a evoluir e se fortalecer.” (VALOURA, 2011, não paginado). Paulo Freire, além disso, demonstra a importância de se criar uma autonomia nos indivíduos em relação às escolhas, principalmente quando estas dizem respeito a uma participação nas questões sociais que envolvem estes indivíduos.

Para alguns autores, o empoderamento pode ocorrer em três dimensões. Kleba e Wendausen (2009) discorrem que estes níveis se dão a partir das dimensões da vida social, sendo eles: psicológico ou individual; grupal ou organizacional; e estrutural ou político. Baquero (2012) cita estes níveis como sendo: empoderamento individual, empoderamento organizacional e o empoderamento comunitário.

No empoderamento individual o foco é o indivíduo, sendo ele mesmo um agente transformador de suas ações, pois busca estratégias que possam fazê-lo adquirir o poder de tomar decisões perante as circunstâncias. Segundo Baquero (2012, p. 176) no nível individual, o empoderamento “[...] refere-se à habilidade das pessoas de ganharem conhecimento e controle sobre forças pessoais, para agir na direção de melhoria de sua situação de vida. Diz respeito ao aumento da capacidade de os indivíduos se sentirem influentes nos processos que determinam suas vidas”. Ou seja, no empoderamento individual o sujeito é capaz de reconhecer que suas habilidades, sejam elas de natureza intelectual ou social, podem transformar as circunstâncias adversas em tomada de decisões que determinem sua autonomia individual.

Já no empoderamento organizacional, as ações dos indivíduos dentro de uma organização fazem com que eles possam construir formas de tomar decisões que envolvam processos organizacionais. Neste empoderamento delega-se o poder de decisão, autonomia e a participação dos funcionários dentro de uma organização na administração desta. (BAQUERO, 2012).

Quando se trata do empoderamento comunitário, deve-se levar em consideração a participação da sociedade como um todo, pois os indivíduos conquistam cidadania por meio do engajamento nas questões políticas e sociais. Baquero (2012) defende que no empoderamento comunitário há um processo de capacitação dos grupos ou indivíduos desfavorecidos, onde os interesses se articulam para a busca da conquista plena dos direitos de cidadania e influência nas ações do Estado. Deste modo, compreendemos que o empoderamento contribui para a cidadania, pois ao reconhecer direitos e deveres, o homem passa a entender a importância de se ter acesso à saúde, educação, escola e etc. com mais qualidade. Conforme Farias e Costa (2017, p. 2-3), os sujeitos necessitam contextualizar suas ações procurando se envolver mais em questões que envolvam tomadas de decisões políticas, econômicas e sociais “[...] para que haja uma forma de se apropriarem da realidade em que estão inseridos. As ações precisam ser pautadas na busca por soluções para problemas que afetam não só sua vida, mas a vida de outros indivíduos que interagem com eles”.

Ao estar inserido em um determinado contexto social ou político, o indivíduo deve buscar reconhecer que sua participação na sociedade é fundamental para as decisões de grande impacto, com isto, ele constrói o empoderamento, adquirindo confiança em si mesmo e na capacidade de lidar com os conflitos que o cercam, pois, segundo Villacorta e Rodriguez (2002, p. 47) o empoderamento “[...] É um processo ao mesmo tempo interno (relacionado à autoestima e autopercepção) e externo (que tem a ver com controle ou influência sobre o meio a sua volta)”.

Por isso, é necessário que os pais também estimulem a autoestima das crianças desde cedo, pois ao ter discernimento sobre seu valor, o sujeito se torna consciente de suas qualidades e pode aprimorar suas ideias por meio da interação com informações que o tornem mais engajados nas questões que dizem respeito ao seu meio social.

Romano (2002) entende também que o empoderamento pode ser visto na perspectiva da abordagem e do processo. Sendo que na abordagem as pessoas e o poder estão nos centros dos processos de desenvolvimento, já na perspectiva do processo as pessoas, as organizações e as comunidades assumem o controle de sua própria vida, tomando consciência da habilidade e competência para produzir, criar e gerir.

Isso faz com que o sujeito entenda que pode ser mais do que um simples coadjuvante em seu papel na sociedade, ele pode ser um protagonista das situações que permeiam o cotidiano. O protagonismo social é um meio pelo qual os grupos ou indivíduos passam a ter atitudes de conscientização de seu papel social, podendo contribuir para o desenvolvimento de ações, que visam o bem-estar comum de todos que estão inseridos em uma comunidade ou

grupo. Desta forma, o indivíduo que se empodera das situações que são vividas por ele ou por outros indivíduos, tomam decisões onde se colocam como um facilitador de ideias para transformar as necessidades de outros indivíduos que interagem no mesmo grupo ou comunidade, criando possíveis soluções para as demandas que surgem no dia a dia.

Sendo o sujeito um protagonista, ele tende a se destacar por ter atitudes que inovam a forma de resolver os conflitos, pois é necessário que haja um poder de decisão que determine quais soluções são mais eficazes para uma determinada situação. Segundo Bitencourt (2008, p.4) o protagonismo se configura “[...] como a possibilidade do sujeito desenvolver-se como pessoa e ator social, capaz de exercer uma cidadania ativa, em nível pessoal, grupal e social, ‘fazendo a diferença’ [...]”. Assim, o protagonismo tende a tirar o indivíduo de uma situação de passividade, e colocá-lo como aquele que tem o poder de atuar em benefício de si e de outros indivíduos. Mas para que isto ocorra, as informações que recebemos mediante às situações cotidianas, devem ser refletidas e apropriadas para a tomada de decisão. A apropriação destas informações pode levar ao empoderamento do sujeito, podendo ele contribuir e atuar de forma mais consciente e participativa em seu meio social.

O protagonismo social está relacionado ao ato de empoderar, que é transformar a si mesmo e aos outros em protagonistas, é sair de uma condição de sujeição, é livrar-se do fardo de estar sujeito a uma subjetividade imposta que dita quem você é e como deve agir, é um processo criativo pelo qual pessoas e coletividades ampliam seu campo de ação, tomando nas mãos as perguntas: "Quem somos?" "O que queremos fazer?" (CONSELHO REGIONAL DE ENFERMAGEM DE GOIÁS, 2014, não paginado).

Portanto, o protagonismo social pode levar o indivíduo a refletir sobre suas atitudes, reconhecer seu papel de agente de transformação social e exercer a cidadania com ações sociais, que impliquem na construção de uma participação efetiva nas decisões do Estado e de sua comunidade. O empoderamento, que contribui para o protagonismo social, depende também de se ter acesso a determinadas informações, que levem o indivíduo a refletir sobre o que ele busca como crescimento pessoal pode ser ampliado, assim há uma consciência de que seu papel na sociedade é o de idealizador de conquistas e melhorias significativas.

Segundo Vetter (2018, p. 29) “[...] O protagonismo social existe na relação das pessoas com o mundo e consigo mesmas, onde o diálogo e a interação com os outros são fundamentais para a compreensão desse mundo, das experiências e vivências.” Com o diálogo, o indivíduo busca compreender também a vida dos que estão às margens da sociedade e se torna empático às necessidades que surgem na esfera social de outros indivíduos, pois compreendendo isto, ele pode atuar como um protagonista social que interfere nas decisões do Estado.

Ser protagonista requer muito mais do que uma simples visão coletiva perante os fatos, requer uma busca por instrumentos que possam ampliar a participação de todos em sociedade, a exemplo do conhecimento a respeito dos seus direitos e deveres, bem como a desconstrução de preconceitos e barreiras que impedem o indivíduo de manifestar a sua visão crítica dos acontecimentos. Por isso, Henriette Gomes (2019, p. 13) defende que, “O protagonismo só existe na tomada de decisão. Protagonistas assumem ações de lideranças, se colocam contra obstáculos que representem ameaça ao coletivo, assumem embates pela construção de um mundo em favor de um bem comum”.

Com efeito, o sujeito pode se tornar consciente de suas ações que contribuem para o bem-estar coletivo, fazendo com que ele busque participar ativamente das discussões que envolvem os rumos da sociedade, tais como a educação, a saúde, a política e a segurança, e que precisam de uma maior consciência crítica e participativa na esfera pública. Neste contexto do protagonismo social, apresenta-se aqui a história de Carolina de Jesus, catadora de lixo, e a sua busca por reconhecimento na leitura de vida que ela fez por meio do livro Quarto de Despejo, no qual buscava contar a história de sua vida dentro da favela de Canindé, em São Paulo, bem como as mazelas sociais e o descaso do poder público sofrido com a população que vive neste meio.

Para isto, Carolina lutou para que sua obra pudesse ser reconhecida e publicada de forma fiel ao que ela acreditava ser muito mais do que um testemunho. Era uma denúncia das condições sociais da época, configurando-se como um modo de exercer o protagonismo social na favela. O que fez Carolina escrever um livro sobre sua trajetória e ser conhecida em muitos países, como a voz dos moradores de favela, é o que apresentamos nesta pesquisa, a fim de identificar indícios de apropriação da informação, empoderamento e protagonismo social.

4 Metodologia

Esta investigação segue os pressupostos metodológicos da abordagem qualitativa, a qual segundo Farias (2014, p. 111), “não tenta aplicar conceitos pré-existentes, e os instrumentos e técnicas de pesquisa são elaborados a partir do que o pesquisador sente ao conhecer os sujeitos e a realidade que os cerca no campo de pesquisa.” Utilizamos a pesquisa exploratória como método, pois “[...] é realizada especialmente quando o tema escolhido é pouco explorado e torna-se difícil sobre ele formular hipóteses precisas e operacionalizáveis.” (GIL, 2008, p. 27). Quanto aos procedimentos técnicos se configura como uma pesquisa documental, “[...] já que os conteúdos dos textos ainda não tiveram nenhum tratamento

analítico, são ainda matéria-prima, a partir do qual o pesquisador vai desenvolver sua investigação.” (SEVERINO, 2007, p. 123).

Em se tratando da pesquisa documental, Lakatos e Marconi (2003) ressaltam que a fonte de coleta de dados está restrita a documentos escritos ou não, chamadas de fontes primárias, que podem ser feitas antes, durante ou depois dos fatos ocorridos, no caso do diário de Carolina, o documento foi compilado após os acontecimentos ocorridos com a escritora. Gil (2002, p. 46) também resalta que na pesquisa documental, “Como os documentos subsistem ao longo do tempo, tornam-se a mais importante fonte de dados em qualquer pesquisa de natureza histórica.”

Os dados coletados na obra “Quarto de Despejo” foram analisados a partir da análise de conteúdo de Bardin (1977) com o estabelecimento de três categorias, as quais foram criadas em sintonia com os objetivos da pesquisa, quais sejam: apropriação da informação, empoderamento e protagonismo social na favela. Para figurar neste artigo, escolhemos a categoria apropriação da informação, a qual objetivou identificar se a autora conseguiu se apropriar das informações, que contribuíram para sua forma de escrever. Essas análises levaram em consideração o fato de a escritora ter estudado até o segundo ano primário e, mesmo assim, escrever sobre sua busca por uma vida melhor, além das dificuldades em se inserir numa sociedade elitista e racista da época.

5 Vida e obra de Carolina de Jesus

O estímulo para a escrita e leitura surge nos tempos de criança por meio do avô, Benedito José da Silva, apelidado de Sócrates Africano, que contava e discutia sobre as histórias da escravidão e sobre sua vida. Carolina apropriava-se da informação ao buscar em livros um refúgio por tantos preconceitos que enfrentava em sua cidade, pois não era bem vista por não ser comum uma mulher pobre e negra ser escolarizada, o que fez com que a escritora sofresse pela falta de oportunidades de emprego e enxergasse em São Paulo uma possibilidade para melhorar suas condições de vida.

[...] Quando estou na cidade tenho a impressão que estou na sala de visita com seus lustres de cristais, seus tapetes de veludos (sic), almofadas de sitim (sic). E quando estou na favela tenho a impressão que sou um objeto fora de uso, digno de estar num **quarto de despejo** (grifo nosso). (JESUS, 1995, p. 33).

Este olhar bastante negativo que a autora tinha sobre sua moradia, revela que a desigualdade era algo que a fazia questionar sobre a má distribuição de renda entre ricos e pobres, assim como o abismo social e econômico que existe entre a favela e a cidade. A autora era uma espécie de conselheira acerca dos problemas que se passavam dentro da favela, e essa

capacidade de se tornar uma mediadora em meio a tantas adversidades, como questões domésticas que incluíam violência contra a mulher e alcoolismo, a tornava uma protagonista no seu meio comunitário.

Assim, Carolina se orgulhava de ser uma mulher que lutava pela educação de seus filhos, e por uma moradia digna, pois não se conformava com o fato de que a favela não pudesse participar das decisões que envolvem a sociedade e de que os conflitos sociais dentro da favela não pudessem ser enxergados.

Quando trabalhava como catadora de lixo, Carolina se deparava com pedaços de papéis que eram jogados no lixo, mas que para ela representava um meio de escrever sobre sua vida, sua dor e sua luta diária no enfrentamento da pobreza e dos problemas da favela, em meio a isto tudo também encontrava livros que aumentaram mais ainda o seu fascínio pela leitura. “[...] Como uma espécie de fuga de suas dificuldades, ela começou a escrever poemas estórias fictionais, e iniciou, em 1955, um diário sistemático, escrito em folhas de cadernos.” (MEIHY; LEVINE, 1994, p. 23).

Desta maneira, a escritora dava um pontapé inicial para a escrita de seu diário, colocando seus sentimentos a respeito da fome, falta de moradia e exclusão social no papel que representava um retrato de sua realidade e dos moradores da favela. Seu dia a dia era dividido entre uma vida de dona de casa com afazeres domésticos. Como mulher empoderada, Carolina exercia o papel de chefe de família em uma época que mulher não poderia ser mãe solteira. Como escritora, afirmava em vários trechos de seu diário, que não nasceu para ser dominada por homem algum. Com toda esta visão acerca do cotidiano da periferia, Carolina está sendo considerada por alguns autores a percussora da literatura periférica, pois seu livro produziu uma discussão em torno das comunidades marginalizadas pela sociedade. Neste tipo de literatura, segundo Miranda (2014, p. 335):

A prática literária é articulada à própria experiência do espaço periférico, o que torna esta produção, antes de repertório de técnicas literárias, ferramenta para o entendimento e a organização social: uma estratégia de ação que rompe a compreensão da literatura apenas como bem espiritual, fonte de ilustração e prazer desinteressado. Nesse sentido, as reverberações ultrapassam o campo do estético, visto que a literatura é significada como uma forma de experimentar/habitar a periferia.

Neste sentido, podemos de certa forma, atribuir ao livro Quarto de Despejo: diário de uma favelada, a literatura periférica, já que na escrita de Carolina, não há uma preocupação em seguir uma norma culta de linguagem, mas de mostrar o que ocorre nas favelas, bem como as consequências de se viver na periferia sem ter apoio do poder público, ou seja, retratar de forma fiel as dificuldades dos moradores.

Carolina iniciou a escrita do diário em 15 de julho de 1955 e finalizou em 1º de janeiro de 1960. Nesse meio tempo, em 1958, a autora foi descoberta pelo jornalista Audálio Dantas² quando ele fazia uma matéria jornalística sobre a favela de Canindé, em São Paulo, onde buscava mostrar a inauguração de um playground, porém lhe chamou atenção o fato de uma mulher em meio a um tumulto, ameaçar moradores de escrever em seu livro, caso não parassem o tumulto. (MEIHY; LEVINE, 1994). “[...] Achei que devia parar com a minha pesquisa, porque tinha quem contasse melhor do que eu. Ela tinha uma força, dava pra perceber na leitura de dez linhas, uma força descritiva, um talento incomum.” (MACIEL, 2014, não paginado), disse Audálio em depoimento sobre as primeiras impressões a respeito da escrita de Carolina. Naquele instante, Audálio se deparou com o fato de que não poderia ter um retrato tão fiel daquele cotidiano já que a favela sempre é retratada de forma superficial e nem sempre há um contato com a mesma.

[...] Em meio ao tumulto, ouviu uma mulher favelada gritar: “se vocês continuarem a fazer isto vou colocar todos os nomes de vocês em meu livro!” Curioso, Dantas perguntou-lhe sobre o tal livro. Ela o convidou para ver, conduzindo-o ao seu acanhado barraco, situado a rua A, número 9, ali mesmo no Canindé. Então, mostrou-lhe páginas e páginas cheias de histórias reais e inventadas sobre pessoas ricas e pobres, poemas evocando o campo, e registros de seu diário. (MEIHY; LEVINE, 1994, p.24).

Audálio viu no diário da autora, a verdadeira história da realidade social que o Brasil tentava esconder, pois para ele se tratava de um escrito mais do que real do cotidiano, uma verdadeira denúncia das consequências de se viver sem acesso às políticas sociais e do descaso da política brasileira. O jornalista quis então, conhecer melhor a mulher por trás dessa escrita. Carolina lhe mostrou os diversos pedaços de papéis e cadernos, onde ela escrevia não somente sobre o seu cotidiano, mas também poemas e histórias fictícias, sobre ricos e pobres. Audálio, então selecionou trechos do diário que Carolina escreveu, os quais narravam três anos sobre sua vida na favela e publicou no Jornal Folha da Noite em 1958. Esse fato ocorreu dois anos antes do lançamento do livro. (MEIHY; LEVINE, 1994).

Como a história fez sucesso rendendo diversas críticas positivas à matéria do jornal, Audálio resolveu investir mais no potencial de Carolina, passando a ser mentor da escritora, e

² O jornalista Audálio Dantas nasceu na cidade de Tanque D'Árca no estado de Alagoas, em 8 de julho de 1929, cujo trabalho foi iniciado no Jornal Folha da Noite, fazendo reportagens de cunho social e investigativo. Atuando sempre em prol dos direitos humanos foi reconhecido mundialmente por denunciar a morte do jornalista Vladimir Herzog, que foi encontrado morto em outubro de 1975 na cela de uma prisão, durante o regime militar da época. Faleceu aos 88 anos, no dia 30 de maio de 2018, vítima de câncer. Fonte: Audálio Dantas na história do jornalismo e dos direitos humanos. **Rede Brasil Atual**, 30 maio 2018. Disponível em: <https://www.redebrasilatual.com.br/cidadania/2018/05/audalio-na-historia-do-jornalismo-e-dos-direitos-humanos> Acesso em: 17 mar. 2019.

editou o diário da escritora durante um ano, para que uma editora pudesse publicá-lo em formato de livro. Contudo, Audálio teve dificuldades para encontrar uma editora que acreditasse no talento de Carolina, e depois de várias tentativas, a Livraria Francisco Alves resolveu publicar o diário. A Livraria Francisco Alves era uma das mais importantes editoras da época, tendo publicado inclusive a obra *Os Sertões de Euclides da Cunha*. (MEIHY; LEVINE, 1994).

A obra de Carolina chegou a ser traduzida em diversos idiomas, pois a realidade que a escritora retratava chamou atenção de muitos para o Brasil, neste caso a favela de Canindé em São Paulo, local no qual a história é narrada. *Quarto de Despejo* despertou a atenção também, por se tratar de uma história real, de quem conhecia muito bem as dores e dissabores de se viver em meio à fome e ao descaso do poder público.

Em relação à crítica internacional da época, o livro de Carolina foi recebido com entusiasmo, pois a favela que a escritora descreveu não fazia parte do imaginário de muitos, o que levou a uma grande curiosidade por parte dos leitores estrangeiros. “[...] Um jornal de Nova York, *The Herald Tribune*, qualificou seu diário como uma assombrosa crônica da fome, [...] um dramático documento sobre os despossuídos que ao mesmo tempo choca e comove os leitores [...]” (MEIHY; LEVINE, 1994, p. 30).

Os moradores da favela Canindé, que se situava às margens do rio Tietê, eram retratados por Carolina como pessoas sem acesso à educação ou aos direitos básicos. Havia episódios de violência contra mulheres e crianças, violência doméstica, machismo, prostituição e até mesmo o racismo que a própria escritora descreve nas várias vezes em que foi insultada, por não defender certos comportamentos e atitudes, isso demonstrava que seu senso ético e de justiça eram características bem fortes da sua personalidade. Por isto mesmo, o diário de Carolina também se configura como um documento denunciador dos conflitos sociais.

Além de se tornar uma escritora ilustre, ela enveredou pelo mundo das artes compondo e gravando letras de samba pela gravadora RCA Victor, cujo nome do disco foi inspirado em seu livro e suas letras remetiam a vida na favela e o cotidiano da sociedade. O *Quarto de Despejo* chegou também a ser adaptado como peça com a atuação da atriz negra Ruth Souza, direção de Amir Haddad e cenário de Cyro Del Nero, e foi apresentada no teatro Bela Vista em São Paulo em 1961. (KLEMZ, 2014).

Carolina chegou a lançar outros livros, que foram pagos com seu próprio dinheiro, como *Casa de Alvenaria: diário de uma ex-favelada* (1961), *Provérbios* (1963), *Pedaços da fome* (1963). Embora não tenham obtido o mesmo sucesso de *Quarto de Despejo*, estes livros serviram também de base para estudos sobre a história de Carolina, pois ilustravam a vida da autora após a saída da favela, suas memórias e poesias. Todavia, por serem de difícil acesso no mercado de

livros atualmente, seguem sendo vendidos como raridades em sebos virtuais. Há também sites como Vida por Escrito³, que é um portal biobibliográfico e possui um vasto conteúdo sobre a trajetória da escritora, com documentos e imagens relacionados à sua vida.

Houve também um documentário produzido por uma TV alemã em 1971, apresentado pela própria autora, contudo foi impedido de passar no Brasil por mostrar a miséria da favela no país. Porém, no dia 14 de março de 2014, ano de centenário de Carolina de Jesus, o Instituto Moreira Sales resolveu apresentá-lo, após recuperá-lo na Alemanha, com o título de *Favela: a vida na pobreza*. (INSTITUTO MOREIRA SALES, 2014).

A escritora viveu seus últimos dias recolhida em seu sítio em Palheiros, após todo o sucesso de seu livro, e faleceu em 13 de fevereiro de 1977, por ataque cardíaco aos 63 anos de idade. (MEIHY; LEVINE, 1994). Em 2005 foi inaugurada em homenagem a escritora, a Biblioteca Carolina Maria de Jesus no Museu Afro-Brasil em São Paulo.

Mesmo com todas as adversidades enfrentadas durante a vida na favela de Canindé, a escritora não deixou se abater pelas condições que lhe foram impostas, pois descobriu que a escrita de seu diário poderia levá-la a um reconhecimento público, e que suas palavras dariam voz as suas dores e indignações. Mais do que isso, Carolina também deixou um legado de luta pela educação, moradia, empoderamento feminino e empoderamento negro, que lhe renderam o reconhecimento mundial de sua literatura periférica.

6 Análise e discussão dos resultados

Ao analisarmos a trajetória de Carolina em seu diário, percebemos que em grande parte de sua escrita, a descrição da fome e a desigualdade entre ricos e pobres é algo recorrente, o que leva a autora a fazer diversos apontamentos a respeito. Percebemos que de fato, a autora buscava de alguma forma, demonstrar a necessidade de se ter um olhar voltado para os problemas da favela. A sociedade brasileira ainda fantasiava a favela como algo distante e totalmente fora da realidade do país, os temas sociais ainda não estavam tão ligados a uma cultura social, a luta pelos direitos humanos, ainda não chamava tanta atenção dos demais setores da sociedade, muito menos da política nos anos de 1960, que tentava a todo custo esconder as mazelas sociais do Brasil.

Daí a relevância do diário de Carolina para a realidade da época, bem como para mostrar a apropriação da informação em sua trajetória como escritora, pois embora ela tenha cursado até o segundo ano do primário, obteve também acesso à leitura por meio de sua atividade como catadora de papéis, o que propiciava o contato com livros que eram descartados no lixo, e

³ Disponível em: <https://www.vidaporescrito.com/about1-ctqi> Acesso em 20 maio 2019.

também por meio de pessoas que a ajudaram a se interessar cada vez mais pela leitura e pela escrita, um exemplo disto foi seu avô, apelidado de Sócrates Africano, que contava histórias e discutia com Carolina sobre os diversos assuntos do cotidiano.

Para figurar nesta comunicação, escolhemos a categoria de análise denominada apropriação da informação, a qual visou identificar se a autora conseguiu se apropriar das informações, que contribuíram para sua forma de escrever. A partir da análise empreendida, podemos perceber que na primeira passagem de seu diário, em 15 de julho de 1955, Carolina, deixa claro como soube se apropriar da informação de forma que a fez pensar criticamente sobre sua vida cotidiana, levando em conta sua situação na época, como uma pessoa que trabalhava, mas sentia dificuldades em se adequar a um padrão de vida econômico, que se distanciava da vida na favela: “Aniversário de minha filha Vera Eunice. Eu pretendia comprar um par de sapatos para ela. Mas o custo dos generos alimenticios (sic) nos impede a realização dos nossos desejos. Atualmente somos escravos do custo de vida. [...]” (JESUS, 1995, p. 9)

Para Borges (2016) a apropriação da informação não está ligada somente aos códigos linguísticos, pois os sujeitos sociais constroem seus significados e podem trazer consigo valores e conhecimentos próprios, que podem interferir na forma de interpretar uma informação. Isto nos leva a crer, que embora a escrita de Carolina não estivesse seguindo as normas gramaticais impostas pela língua portuguesa, ela sabia se expressar, conforme a sua forma de escrever, já que ela enxergava a realidade social de uma maneira crítica, e construía significados próprios para descrever como a dinâmica da pobreza afeta a vida das pessoas que vivem na favela.

Carolina teve pouco acesso à escola, isto, porém não a impediu de se apropriar da informação por meio da leitura de mundo que fazia de sua vida cotidiana. Era uma mulher atenta à sua realidade social e não deixava de se apropriar de informações que a levassem a pensar sobre sua vida e de todos que moravam na favela, de modo que a leitura de jornais, por exemplo, era algo que se fazia presente em seu cotidiano, assim, ela descreve em 15 de junho de 1958 sua impressão a respeito de uma notícia:

[...] Parei na banca de jornaes(sic). Li que uma senhora e três filhos havia suicidado (sic) por encontrar dificuldade de viver. (...) A mulher que suicidou-se não tinha alma de favelado, que quando tem fome recorre ao lixo, cata verduras nas feiras, pedem esmola e assim vão vivendo. (...). Pobre mulher! Quem sabe se de há muito (sic) ela vem pensando em eliminar-se, porque as mães tem muito dó dos filhos. Mas é uma vergonha para uma nação. Uma pessoa matar-se porque passa fome. [...] (JESUS, 1995, p. 56).

Sua relação com a leitura chegava até mesmo a propiciar discussões com outros indivíduos, sobre temas polêmicos como a relação entre o racismo e a violência policial. No dia

11 de agosto de 1958, ela conversou sobre isso mostrando suas convicções a respeito deste tema:

[...] Eu estava pagando o sapateiro e conversando com um preto que estava lendo um jornal. Ele estava revoltado com um guarda civil que espancou um preto e amarrou numa árvore (sic). O guarda civil é branco. E há certos brancos que transforma preto em bode expiatório. Quem sabe se guarda ignora que já foi extinta a escravidão e ainda estamos no regime da chibata? (JESUS, 1995, p. 96).

Neste trecho, podemos identificar que Carolina faz uma crítica ao fato de a violência policial ainda ser combatida em cima do preconceito em relação aos negros, que em sua maioria, ainda estão nas periferias do Brasil e acabam sendo marginalizados pela sua cor, traços de uma cultura que ainda faz parte de uma herança escravagista no país.

Confirmando sua apropriação da informação, Carolina escreveu em 21 de julho de 1955 que: “[...] Li um pouco. Não sei dormir sem ler. Gosto de manusear um livro. O livro é a melhor invenção do homem. [...]” (JESUS, 1995, p. 22). Estes trechos da fala de Carolina nos revelam a importância da leitura para apropriação da informação, pois para Borges (2016, p.15) “[...] é um processo de interação entre texto e leitor, dentro de uma sociedade. Porém, o significado das palavras não é fixo, ele é negociado na interação. O leitor tem um papel ativo no processo de construção dos significados durante o ato da leitura.” Isto nos mostra que a escritora, via na leitura uma fonte importante para a sua formação intelectual e sua visão crítica acerca das consequências da miséria na vida de um indivíduo, isto a fez construir significados a partir de sua própria experiência de vida e de sua luta pessoal contra a desigualdade social e contra a discriminação de gênero e raça.

Carolina, com a sua visão crítica sobre a favela, menciona em seu diário, no dia 15 de maio de 1955, o descaso com que as favelas são vistas pelo poder público, que deveria zelar pela população: “[...]... Eu classifico São Paulo assim: o Palácio é a sala de visita, A Prefeitura é a sala de jantar e a cidade é o jardim. E a favela é o quintal onde jogam os lixos.” (JESUS, 1995, p. 28).

Nesse instante, percebemos que pela apropriação da informação, Carolina se conscientiza de que o seu conhecimento a respeito da política que vigorava em sua comunidade, não atendia às demandas que a população da favela necessitava, ou seja, o conhecimento que ela tomou para si sobre o descaso das favelas, modificou as estruturas de seu pensamento que produziu e ampliou os significados para a sua visão crítica acerca de sua realidade social. (GOMES, S.; RIBEIRO; REZENDE, 2017).

O diário Quarto de Despejo nos revela uma escritora que reflete profundamente sobre suas emoções e o impacto negativo que as condições sociais na favela impõem sobre sua saúde física e mental. Carolina chega até mesmo a classificar seus sentimentos por meio de cores, pois

era talvez uma forma de esclarecer aos leitores de seus escritos, que nada daquilo vivenciado se comparava com a realidade de muitos.

Na passagem do dia 18 de maio de 1958, Carolina relata o dia em que uma das moradoras da favela, Dona Maria, faleceu. Neste momento, a escritora começa a pensar no modo em que os favelados são tratados pela sociedade após a morte, o que fez com que ela associasse a cor roxa a um sentimento: o de amargura, “[...] Chegou o esquife⁴. Cor roxa. Cor da amargura que envolve os corações dos favelados. (JESUS, 1995, p. 29). Levando em consideração que Carolina destaca como os corações dos favelados revelam amargura, devido às condições miseráveis em que muitos se encontravam, podemos inferir que a cor roxa associada também à morte pela escritora, se torna um sentimento de conotação negativa para ela, embora para muitos, esta cor também possa ser associada à criatividade ou a espiritualidade como na religião Católica.

O sentimento de estar com fome também se revela de cor diferente, quando a escritora escreve sobre isso, pois ela associava a cor amarela, mas após se alimentar, tudo se tornava diferente aos olhos dela: “Que efeito surpreendente faz a comida no nosso organismo! Eu que antes de comer via o céu, as arvores (sic), as aves tudo amarelo, depois que comi, tudo normalizou-se (sic) aos meus olhos [...]” (JESUS, 1995, p. 40). É interessante a forma com que Carolina descreve a fome, pois, há alguns estudos que indicam que o ser humano privado de água e de comida⁵ durante um período prolongado, pode causar falência dos órgãos. Por isso, a escritora descreve esta sensação com tantos detalhes, já que se tornava algo recorrente em seu cotidiano.

Ainda descrevendo sua revolta com a desigualdade social, a escritora chega a fazer uma metáfora sobre a vida e o livro, bem como a caracterização da cor preta, como uma cor de conotação ruim. Neste caso, embora, seja considerada uma fala preconceituosa, por associar a cor preta a algo pejorativo, o que de fato se percebe, é que a autora pensava que seu tom de pele era um empecilho para que ela pudesse participar da sociedade de forma justa e igualitária, por isso, em 28 de maio de 1959 Carolina desabafa: “A vida é igual a um livro. Só depois de ter lido é que sabemos o que encerra. E nós quando estamos no fim da vida é que sabemos como a nossa vida decorreu. A minha, até aqui, tem sido preta. Preta é a minha pele. Preto é o lugar onde moro”. (JESUS, 1995, p. 147).

⁴ Caixaão mortuário; caixa de madeira usada para enterrar defuntos.

⁵ ESCOBAR, Ana. Quanto tempo podemos ficar sem água e sem comida? **G1**, 9 jul. 2018. Disponível em: <<https://g1.globo.com/bemestar/blog/ana-escobar/post/2018/07/09/quanto-tempo-podemos-ficar-sem-agua-e-sem-comida.ghtml>>. Acesso em 31 mar. 2019.

Destarte, compreendemos, corroborando com Borges (2016, p. 17), que “[...] O processo informativo depende de fatores externos para que seja gerada a apropriação, ou seja, depende de um discurso competente que está atrelado ao sujeito e ao contexto social. [...]” Assim sendo, o relato de Carolina sobre alguns dos seus sentimentos, que eram atribuídos por meio de cores, só puderam ser realmente apropriados como informação dentro de si, por causa do contexto social e da forma como a escritora enxergava a realidade na favela, assim como o preconceito contra a sua cor de pele.

Com a narrativa um pouco ácida, Carolina não poupava também os políticos e sua forma de governar, por isso em diversos trechos do diário, ela estava sempre conversando com algum morador sobre a situação social e política do país, criticando a forma com que lidavam com os moradores da favela. Vemos na passagem de 17 de julho de 1955, a escritora tratando sobre a atuação dos políticos, neste caso, citando o deputado federal Carlos Lacerda⁶, e suas impressões sobre o modo dele fazer política:

[...] E falamos de políticos. Quando uma senhora perguntou-me o que acho do Carlos Lacerda, respondi concientemente(sic): Muito inteligente. Mas não tem iducaçãõ (sic). É um político de cortiço. Que gosta de intriga. Um agitador. (JESUS, 1995, p.12)

Em 19 de julho de 1955, ela também demonstra sua opção política e admiração ao governador de São Paulo, Adhemar de Barros⁷, e se revela uma pessoa consciente de seu papel na hora de votar, em um político que tenha propostas que atendam de fato aos anseios da população conforme a narrativa a seguir com outra moradora da favela:

[...] Eu, e D. Maria Puerta, uma espanhola muito boa, defendiamos(sic) o Dr. Adhemar.
D. Maria disse:
– Eu, sempre fui ademarista(sic). Gosto muito dele, e de D. Leonor.
A Florenciana perguntou:
– Ele já deu esmola a senhora?
– Já, deu o Hospital das Clínicas. (JESUS, 1995, p. 12)

Podemos também observar que em 15 de maio de 1955, Carolina, se revolta com o modo com que os políticos lidam com os problemas da favela, utilizando-se de uma prática antiga para conquistar votos, por meio de promessas que nem sempre são cumpridas após as eleições:

[...] Os politicos (sic) só aparecem aqui nas epocas(sic) eleitoraes(sic). O senhor Cantidio Sampaio quando era vereador em 1953 passava os domingos

⁶ Carlos Lacerda(1941-1977) foi um político carioca, opositor do segundo governo de Getúlio Vargas. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/atividade-legislativa/plenario/discursos/escrivendohistoria/discursos-em-destaque/serie-brasileira/decada-1950-59/biografia-carlos-lacerda>>. Acesso em 18 maio 2019.

⁷ Ademar de Barros (1901-1969) foi um político paulista, eleito duas vezes governador de São Paulo entre os anos de 1947-1951 e os anos de1963-1966. Disponível em: <http://geracaoeditorial.com.br/adhemar/>>. Acesso em: 19 maio 2019.

aqui na favela. Ele era tão agradável (sic). Tomava nosso café, bebia nas nossas xicaras(sic). Ele nos dirigia as suas frases de viludo (sic). Brincava com nossas crianças. Deixou boas impressões por aqui e quando candidatou-se a deputado venceu. Mas na Camara(sic) dos Deputados não criou um projeto para beneficiar o favelado. Não nos visitou mais [...]. (JESUS, 1995, p. 28).

Essa consciência política de Carolina se forma a partir do momento em que a escritora tem acesso às notícias de jornais, e até mesmo aos livros que lia durante seu trabalho como catadora de lixo, bem como pelo contato com alguns políticos que visitavam as favelas em busca de votos. Por isso, esta forma de observar os fatos que aconteciam na política, e sua relação de cidadã que buscava lutar pelos seus direitos, eram expressados na sua escrita em forma de denúncia e em seu cotidiano quando debatia sobre diversos temas sociais com outros moradores. Notamos também, que Carolina se atentou ao discurso do vereador citado, para analisar como as palavras dele influenciaram na relação do poder público com as questões sociais discutidas com os moradores.

Em 17 de maio de 1958, ela também chega a descarregar todo o seu sentimento de raiva dos políticos que se esqueciam dos problemas que os moradores da favela enfrentavam, “[...] Eu quando estou com fome quero matar o Jânio, quero enforcar o Adhemar e queimar o Juscelino. As dificuldades corta(sic) o afeto do povo pelos políticos”. (JESUS, 1995, p. 29). Percebemos nestas narrativas de Carolina sua visão crítica sobre a política, pois ao se apropriar de informações modificou seu nível de conhecimento, como explica Almeida Júnior (2017), o que significa dizer que a escritora não só consumia informações a respeito dos acontecimentos em sua realidade social, mas produzia argumentos para analisar de forma crítica a situação política do país, o que a fazia ponderar quais questões eram importantes para se escolher um bom candidato a um cargo público, e, conseqüentemente, atender à demanda da população.

A atuação de Carolina, diante das dificuldades relacionadas à pobreza e à fome, transformou sua forma de pensar e agir. Ela conseguiu criar motivos para se libertar do pensamento que aprisiona os que estão em situação de vulnerabilidade social, proporcionando a luta em defesa dos seus direitos e da sua comunidade. Por isso, compreendemos como imprescindível promover reflexões sobre a apropriação da informação direcionada às ações de atores sociais, os quais podem alcançar o protagonismo social por meio do empoderamento da leitura, por exemplo. Esse processo pode causar implicações na formação do sujeito como um agente social, capaz de realizar transformações positivas em diversos aspectos, como o desenvolvimento do pensamento crítico de grupos formados por minorias que vivem à margem da sociedade.

7 Considerações finais

Verificamos que a trajetória de Carolina foi composta por significativos obstáculos até ela se tornar um fenômeno da cultura periférica, o qual surge em meio à pobreza e à falta de políticas de acesso a uma moradia com condições dignas. Sua apropriação da informação se deu por meio da leitura, da escrita e se deve também ao ambiente familiar de Carolina, onde era de costume ouvir as histórias do avô a respeito de seus antepassados e discuti-las com o intuito de debater os contrastes sociais vividos por ela e sua família. Assim, buscando se libertar do fardo da pobreza, ela passou a idealizar nos livros o refúgio para transpor os limites intelectuais que afetavam a maioria dos moradores que viviam na favela, estudou até o segundo ano do primário devido à necessidade de trabalhar, mas não deixou de se empoderar de sua vida afetiva, financeira e social.

Com uma personalidade forte e muitas vezes incompreendida, o protagonismo de Carolina talvez tenha se dado mais após sua morte, visto que trouxe à tona discursos sobre sua vida no âmbito acadêmico e social, principalmente pelos movimentos feminista e negro. Este último homenageou-a como um símbolo de libertação e esperança. Carolina recebeu também o título de cidadã paulistana e a homenagem da Academia Paulista de Letras. A Assembleia de São Paulo chegou a criar uma comissão para extinguir as favelas, tendo como um de seus membros a própria Carolina.

O diário da escritora reflete uma realidade que ainda continua sendo reproduzida nas periferias brasileiras, onde o preconceito racial, a desigualdade de gênero, a violência e a falta de políticas públicas são fatores que ainda impedem o desenvolvimento pleno da cidadania. Sob esta ótica, podemos enxergar que Carolina não só soube transpor estas barreiras por meio do protagonismo dentro da favela, como também fomentou as discussões a respeito do papel da informação na vida do indivíduo, sobre as principais formas de se conquistar autonomia e sobre a importância de se ter acesso à educação, aos livros e a leituras diversas para se desenvolver senso crítico.

Angela Davis,⁸ filósofa e ativista do movimento negro nos Estados Unidos, citou a importância de Carolina nas discussões sobre a fome. No Brasil, o jornalista e crítico literário Tom Farias⁹ lançou uma biografia sobre Carolina no ano de 2018 pela editora Malê e afirmou

⁸ ALVES, Alê. Angela Davis: “Quando a mulher negra se movimenta , toda estrutura da sociedade se movimenta com ela.”. *El País*, Salvador, 21 jul. 2017. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2017/07/27/politica/1501114503_610956.html Acesso em: 27 maio 2019.

⁹ MARIA, Laura. ‘A favela contada de dentro. *O Tempo*, 27 mar. 2018. Disponível em: <https://www.otempo.com.br/divers%C3%A3o/magazine/a-favela-contada-de-dentro-1.1589314> Acesso em: 27 maio 2019.

que ela é a única autora negra mais vendida no Brasil até hoje, embora não se tenha utilizado nesta pesquisa, a biografia traz textos inéditos descobertos por Tom Farias. Outro passo importante para que o diário de Carolina se tornasse uma fonte sobre o estudo do protagonismo social foi a adoção do seu livro Quarto de Despejo, como leitura obrigatória para o vestibular em duas universidades¹⁰ importantes no Brasil, a Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e a Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), o que nos mostra a relevância da autora para a discussão dos temas sociais dentro do ambiente universitário e na sociedade.

Na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional há diversas notícias de jornais da época, que relataram os passos de Carolina desde a publicação de sua obra até homenagens à escritora. Outro fator essencial para uma pesquisa sobre Carolina são os documentários a respeito da escritora, alguns deles disponíveis na plataforma do Youtube.

No quesito imagens, o Arquivo Público de Sacramento, em Minas Gerais também conserva vários documentos da autora com imagens da época em que ela viveu e de sua trajetória. A escritora também chegou a publicar outros livros após Quarto de Despejo, mas não obtiveram o mesmo sucesso. Um deles é a Casa de Alvenaria (1961) que trata da vida de Carolina fora da favela, o que é interessante para analisarmos as diferenças entre a cidade e favela.

Ressaltamos que esta discussão em torno de Carolina pode ser inserida no âmbito acadêmico, inclusive no que tange à área de Biblioteconomia, que tem como uma de suas principais atribuições, despertar no leitor a consciência de seu papel na sociedade, contribuindo para que o indivíduo tenha autonomia para escolher as informações necessárias para sua formação intelectual.

O exemplo da escritora contribui para o aprendizado daqueles que buscam se espelhar em histórias que retratam a realidade social, e com elas podem obter ajuda na busca por soluções para o seu dia a dia. Neste caso, a escritora tinha habilidades informacionais que a levaram a se apropriar da informação e se empoderar na busca de um protagonismo social em sua vida. Outro fator importante, é que a Biblioteconomia pode trabalhar os aspectos sociais fora do ambiente das bibliotecas mesmo para quem não é letrado, oferecendo serviços e ações, a fim de que os usuários se empoderem de informações que façam a diferença em suas vidas.

Deste modo, a narrativa de Carolina trouxe relevantes discussões, que abordam o papel da mulher negra da periferia como peça fundamental para entender os dilemas das políticas sociais no Brasil, tal como sua história também serve de instrumento para construir um

¹⁰ Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/campinas-regiao/noticia/livro-de-carolina-maria-de-jesus-e-resgatado-em-vestibulares-da-ufrgs-e-unicamp-40-anos-apos-morte-de-escritora.ghtml> Acesso em: 27 maio 2019.

ambiente de discussões sociais na biblioteca, que precisa constantemente aproximar o usuário e a informação no fortalecimento de diálogos construtivos. Portanto, na área da Biblioteconomia, estudos que abordam a apropriação da informação, demonstram que o sujeito não precisa ser escolarizado para se empoderar das informações necessárias, que o levem a atingir o protagonismo social em sua comunidade ou em um ambiente escolar, pois ele pode desenvolver novas formas de dialogar com as demandas que surgem na sociedade.

Em vista disso, o bibliotecário pode contribuir para ampliar seu espaço de atuação profissional não só no meio acadêmico, mas também em locais cujo acesso à informação se torna mais difícil devido às condições sociais dos sujeitos. A história de Carolina nos mostra como é importante a Biblioteconomia não negligenciar o valor da informação, que pode vir a resultar no empoderamento e protagonismo social do indivíduo, ampliando os debates sobre a cidadania e o acesso a livros, a leituras e a uma participação mais democrática na sociedade.

Referências

ALMEIDA JÚNIOR, O. F. Leitura, mediação e apropriação da informação. 2017. In: SANTOS, Jussara Pereira (Org.). **A leitura como prática pedagógica na formação do profissional da informação**. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2007. 168p. p. 33-45. (publicado originalmente). Disponível em: https://ofaj.com.br/espacoofajs_conteudo.php?cod=12 Acesso em: 26 abr.2018.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

BAQUERO, Rute Vivian Ângelo. Empoderamento: instrumento de emancipação social?- Uma discussão conceitual. **Revista Debates**, Porto Alegre, v. 6, n. 1, p. 173-187, jan./abr. 2012. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/index.php/debates/article/view/26722/17099> Acesso em: 26 abr.2018.

BITENCOURT, Henrique Vicente de. **O protagonismo dos cristãos e o poder na Igreja**. 2008. 229f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais)- Programa de Estudos Pós- Graduação em Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2008. Disponível em: <[https://tede2.pucsp.br/bitstream/handle/3989/1/Henrique Vicente de Bitencourt.pdf](https://tede2.pucsp.br/bitstream/handle/3989/1/Henrique%20Vicente%20de%20Bitencourt.pdf)>. Acesso em: 26 abr.2018.

BORGES, Ellen Valotta Elias. O texto além das palavras: uma visão ampliada da apropriação da informação por meio de textos literários. **Brazilian Journal of Information Studies: Research Trends**, v. 10, n. 3, p. 15-24, 2016. Disponível em: <http://www2.marilia.unesp.br/revistas/index.php/bjis/article/view/5681/4263> Acesso em: 26 abr.2018.

CONSELHO REGIONAL DE ENFERMAGEM DE GOIÁS. O protagonismo da Enfermagem na atenção à saúde In: CONGRESSO BRASILEIRO DE ENFERMAGEM, 66, 2014. **Anais eletrônicos...**2014. Não paginado. Disponível em: <http://www.abeneventos.com.br/66cben/> Acesso em: 24 abr. 2019.

FARIAS, Maria Giovanna Guedes; COSTA, Daysene de Araujo. Empoderamento e protagonismo social no setor de referência de bibliotecas universitárias. **Encontros Bibli: revista eletrônica de biblioteconomia e ciência da informação**, v. 22, n. 50, p. 1-14, set./dez. 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/1518-2924.2017v22n50p1> Acesso em: 28 mar.2018.

FARIAS, Maria Giovanna Guedes. **Análise da produção, implementação e avaliação de um modelo de mediação da informação no contexto de uma comunidade urbana**. 2014. 283 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) - Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, Instituto de Ciência da Informação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2014. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/16851/1/Tese-Maria%20Giovanna%20Guedes%20Farias.pdf> Acesso em: 28 mar. 2018.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GOMES, Henriette Ferreira. Protagonismo social e mediação da informação. **LOGEION: Filosofia da informação**, Rio de Janeiro, v. 5 n. 2, p. 10-21, mar./ago. 2019. Disponível em: <http://revista.ibict.br/fiinf/article/view/4644/4048> Acesso em: 10 maio 2019.

GOMES, Suely Henrique; RIBEIRO, Geisa Müller de Campos; REZENDE, Laura Vilela Rodrigues. Apropriação da informação: o processo de construção do conhecimento de catadores de materiais recicláveis. **Em Questão**, Porto Alegre, v. 23, n. 3, p. 106-129, set./dez. 2017. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/EmQuestao/article/view/70940> Acesso em: 17 mar. 2019.

INSTITUTO MOREIRA SALES. **Carolina Maria de Jesus e a favela**. 2014. Disponível em: <https://blogdoims.com.br/carolina-maria-de-jesus-e-a-favela/> Acesso em: 17 mar. 2019.

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo: diário de uma favelada**. 5. ed. São Paulo: Ática, 1995.173p. (Série Sinal Aberto).

KLEBA, Maria Elisabeth; WENDAUSEN, Águeda Lenita Pereira. Empoderamento: processo de fortalecimento dos sujeitos nos espaços de participação social e democratização política. **Saúde Sociedade**, São Paulo, v. 18, n. 4, p. 733-743, 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/sausoc/v18n4/16.pdf> Acesso em: 11 ago. 2018.

KLEMZ, Laura. **Quarto de despejo: a peça.** 2014. Disponível em: <https://blogdoims.com.br/quarto-de-despejo-a-peca-por-elvia-bezerra-julia-menezes-e-laura-klemz/> Acesso em: 17 mar. 2019.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica.** 5.ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MACIEL, Camila. Brasil lembra centenário de escritora que definiu favela como quarto de despejo. Agência Brasil, São Paulo, 15 mar. 2014. Não paginado. Disponível em: <http://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2014-03/brasil-lembra-centenario-de-escritora-que-definiu-favela-como-quarto-de> Acesso em: 03 jan.2018.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom; LEVINE, Robert M. **Cinderela negra: a saga de Carolina Maria de Jesus.** Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1994.

MIRANDA, Fernanda Rodrigues de. A experiência literária marginal em três atos: o maldito dos anos 70, o periférico, contemporâneo e a outsider Carolina Maria de Jesus. **Revista Estação Literária**, Londrina, v. 12, p. 332-342, jan. 2014. Disponível em: <http://www.uel.br/pos/letras/EL/vagao/EL12-Art21.pdf> Acesso em: 20 nov.2018.

ROMANO, Jorge O. Empoderamento: recuperando a questão do poder no combate à pobreza. In: ROMANO, Jorge O.; ANTUNES, Marta (Org.). **Empoderamento e direitos no combate à pobreza.** Rio de Janeiro: ActionAid Brasil, 2002. p. 9-20.

SEVERINO, Antônio Joaquim. Teoria e prática científica. In: SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico.** 23. ed. rev. e atual. São Paulo: Cortez, 2007. cap. 3, p. 122-123.

SCHOPENHAUER, Arthur. **A arte de escrever.** Organização, tradução, prefácio e notas de Pedro Sússekind. Porto Alegre: L&PM, 2014. p. 145. (Coleção L&PM POCKET, v.479).

VALOURA, Leila de Castro. **Paulo Freire, o educador brasileiro autor do termo empoderamento, em seu sentido transformador.** 2011. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/303912423_Paulo_Freire_o_educador_brasileiro_autor_do_termo_Empoderamento_em_seu_sentido_transformador Acesso em: 28 mar. 2018.

VETTER, Silvana Maria de Jesus. **Informação no protagonismo social, na garantia dos direitos e satisfação de necessidades dos idosos: Centros de convivência do Rio de Janeiro e São Luís.** 2018. 166f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) - Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, Escola de Comunicação, Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.

VILLACORTA, Alberto Enriques; RODRÌGUEZ, Marcos. Metodologias e ferramentas para implementar estratégias de empoderamento. In: VILLACORTA, Alberto Enriques.

Empoderamento e direitos no combate à pobreza. Rio de Janeiro: ActionAid Brasil, 2002. p. 45-66.